

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**Lucas Carneiro Azolini**

**O estágio supervisionado na formação do professor de educação física:  
um estudo autorreferente de um estudante da ESEF da UFRGS no ano de  
2012.**

**Porto Alegre**

**2012**

**Lucas Carneiro Azolini**

**O estágio supervisionado na formação do professor de educação física:  
um estudo autorreferente de um estudante da ESEF da UFRGS no ano de  
2012.**

Monografia apresentada à Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como pré-requisito para a conclusão do curso de Licenciatura em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Fabiano Bossle

**Porto Alegre**

**2012**

**Lucas Carneiro Azolini**

**O estágio supervisionado na formação do professor de educação física:  
um estudo autorreferente de um estudante da ESEF da UFRGS no ano de  
2012.**

Conceito final:

Aprovado em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ – UFRGS

Orientador - Prof. Dr. Fabiano Bossle - UFRGS

## RESUMO

O estágio supervisionado tem contribuído com a formação inicial contemplando o caráter experiencial e o potencial autorreflexivo. Este estudo visa compreender como ocorre o processo de construção da identidade docente, ou seja, como nos tornamos professores de educação física. Para tal, optamos pela realização de um estudo qualitativo, na forma de autonarrativa, que possibilite mostrar como o egresso do curso de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (ESEF-UFRGS) aprende com e sobre a realidade escolar de modo a contrastar com os saberes advindos da formação inicial. O estudo foi realizado durante o semestre letivo 2012-2, momento em que o autor se inseriu no estágio supervisionado da educação física no Ensino Médio em uma escola pública da Rede Estadual de Ensino do Rio Grande do Sul. Foram utilizadas observações e registros em diário de campo como instrumentos de coleta das informações. Através desta metodologia foi possível compreender o quão importante é o Estágio Supervisionado na formação do professor de educação física, e como o mesmo possibilita uma preparação para o futuro mercado de trabalho e sua pluralidade.

Palavras-Chave: Estágio Supervisionado; Educação Física Escolar; Autonarrativa.

## **ABSTRACT**

The supervised internship has been contributing for the initial formation contemplating the experiential character and the autoreflexive potential. The intent of this study is to comprehend and understand how does the process of developing the instructor's identity occurs, in other words, how do we become physical education teachers. Therefore, we have opted to present a qualitative study, in an auto narrative form which gives us the opportunity to demonstrate how the output of the Physical Education course of the University Federal of Rio Grande do Sul (ESEF/UFRGS) learns from and about the school reality hence distinguishing it from the initial formation. The presented case study took place during the second semester of 2012, at the time which the author commenced the supervised internship of physical education in a Public High School of Rio Grande do Sul's State network. We have used records and observations in a logbook as instruments of data collection. Using this methodology was possible to recognize and comprehend how important the supervised internship is in the training of physical education teachers and how it influences and prepares them to the future job market and its plurality.

**Keywords:** Supervised Internship; Physical Education; Auto Narrative.

## SÚMARIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>6</b>
<b>2. METODOLOGIA .....</b>	<b>9</b>
<b>3. REVISÃO DE LITERATURA .....</b>	<b>13</b>
3.1 FORMAÇÃO DE PROFESSORES .....	13
3.2 FORMAÇÃO INICIAL EM EFI .....	15
3.3 ESTÁGIO SUPERVISIONADO. ....	18
3.4 ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR .....	20
<b>4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS INFORMAÇÕES COLETADAS .....</b>	<b>23</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>45</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>47</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O estágio supervisionado é o momento da graduação em que os alunos contrastam os saberes acumulados na formação inicial e suas próprias histórias de vida com o contexto dinâmico e complexo das escolas de Educação Básica. É nesse instante que os conteúdos teóricos aprendidos no decorrer do curso são associados e colocados na prática do cotidiano de trabalho. O estágio é a etapa final de graduação e é parte integrante da grade curricular, conforme lei nº11788, do ano de 2008. O estágio “[...] visa ao aprendizado de competências próprias da atividade profissional e à contextualização curricular, objetivando o desenvolvimento do educando para a vida cidadã e para o trabalho.” (art 1º, II, LEI 11788/08).

Nessa etapa final, a teoria obtida nos anos de graduação é colocada em contraste, uma vez que, diferente do que ocorre em sala de aula, ao entrar em contato com a realidade, as reações e atitudes do cotidiano de estágio são dinâmicas e pautadas nas características do ambiente. Sendo assim, o estágio soma ao conhecimento teórico do aluno, visto que oportuniza a ele desenvolver sensibilidade para se adequar ao meio em que está inserido, tornando-o capaz de se moldar a realidade para poder aplicar seu conhecimento.

O estágio é “uma experiência de formação prática situada no final da formação inicial, culminando com a oportunidade de um primeiro contato com a realidade escolar e a proximidade a modelos e práticas de ensino” (JANUÁRIO, ANACLETO E SANTOS, 2009, p.1). Por isso, este trabalho irá relatar a atuação do estágio na formação inicial do professor de educação física, uma vez que é nesse momento que há a aplicação e reflexão dos conhecimentos adquiridos, ocorrendo o envolvimento com a realidade escolar e seu contexto.

É o estágio o momento de o aluno portar-se como educador sujeito ativo na formação de cidadãos críticos e atuantes na comunidade, não apenas na transmissão de conhecimento. O estágio, na formação inicial, deve, além de gerar contato prático com a realidade, ser reflexivo sobre o porquê das suas ações e das respostas obtidas no cotidiano no qual está inserido.

O presente trabalho será realizado na forma de estudo autorreferente, no qual o aluno irá relatar a importância do estágio na sua formação profissional, o papel fundamental de sua trajetória e experiências vividas que culminarão na sua formação como profissional da Educação Física.

A escolha pela realização desse trabalho de conclusão de curso no formato de autonarrativa deve-se ao fato de “as narrativas de professores e de alunos em processo inicial de formação inscrevem-se num campo subjetivo e singular para compreender as memórias” (SOUZA, 2004, p.388). A realização de um estudo na perspectiva de autobiografia, propicia que lembranças e memórias vividas – no estágio curricular, por exemplo- não fiquem perdidas no passado mas sim, possam ser analisadas e compreendidas a fim de entender o contexto em que as mesmas ocorreram para aprimorar possíveis ações semelhantes que aconteçam no futuro.

A realização da autonarrativa proporciona ao aluno, além de reflexões, crescimento, pois “as histórias que trazemos como pesquisadores também estão marcadas pelas instituições onde trabalhamos, pelas narrativas construídas no contexto social do qual fazemos parte e pela paisagem na qual vivemos” (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p.100). Ainda conforme esses autores,

O contar sobre nós mesmos, o encontro de nós mesmo no passado por meio da pesquisa deixa claro que, como pesquisadores, nós, também, somos parte da atividade. Nós colaboramos para construir o mundo em que nos encontramos. [...] somos cúmplices do mundo que estudamos. Para estar nesse mundo, precisamos nos refazer, assim como oferecer à pesquisa compreensões que podem levar a um mundo melhor. (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p.97)

Esse trabalho pretende, por meio de um estudo autorreferente, compreender a contribuição do estágio curricular obrigatório na formação inicial do professor de Educação Física. A escolha por realizar esse estudo na forma de autonarrativa é para propiciar ao aluno a compreensão das experiências por ele vividas no decorrer do estágio e como as mesmas culminaram na solidificação do conhecimento para sua formação profissional.

Estágio esse que permite a experiência *in loco*, proporcionando ao aluno associar conhecimento e realidade de trabalho. Tal trabalho de conclusão tem como objetivo finalizar a formação inicial do aluno, através de um estudo que o faça

retomar memórias e situações vividas na sua construção acadêmica a fim de otimizá-las no seu momento futuro, como profissional de Educação Física.

Deste modo, para dar conta desta investigação formulei o seguinte problema de pesquisa: ***Como o estágio supervisionado possibilitou que me tornasse professor de educação física?*** Ou seja, *como e o que aprendi nos estágios supervisionados – Estágio da educação física na Educação Infantil, no Ensino Fundamental e no Ensino Médio - do processo de formação inicial na ESEF da UFRGS?*

Destaco que este trabalho de conclusão de curso (TCC) está organizado da seguinte maneira: em um primeiro momento apresento o capítulo sobre as decisões metodológicas que adotei para realizar a pesquisa, neste caso, como me aproprio da metodologia de pesquisa autorreferente – autonarrativa – para compreender como me tornei professor de educação física na formação inicial em educação física, considerando os três estágios ofertados no currículo da ESEF da UFRGS. Posteriormente, apresento a revisão de literatura, a análise e discussão das informações coletadas e as considerações finais.

## 2. METODOLOGIA

Nos últimos anos, tem sido crescente o uso de narrativas com emprego metodológico em biografias e autobiografias; contudo, apesar do aumento de interesse nesse tipo de pesquisa, a produção de estudos, nesse formato, na Educação Física, ainda é tímida (WITTIZORECKI *et al.*, 2006).

A narrativa implica em transmitir informações a partir de experiências, sentimentos e fatos vividos. Narrar é um ato inerente ao ser humano, faz parte de seu cotidiano e dá significado as situações por ele experimentadas. A narrativa

[...] é o estudo e a interpretação das histórias que contam as pessoas. Para esta forma de investigação, as histórias e as narrativas são o elemento essencial do conhecimento sobre o ser humano e a sociedade. (PÉREZ-SAMANIEGO *et al.*, 2011, p.13)

Segundo Clandinin e Connely (2011), ao realizarmos uma investigação autonarrativa, quatro direções atuam na orientação da investigação. São elas: a introspectiva, que aborda as questões de sentimentos, disposições morais, esperança; a extrospectiva, correspondente ao meio ambiente; e a retrospectivo e prospectiva, que se referem à temporalidade (passado, presente e futuro). Ainda segundo tais autores, aos pesquisarmos sobre uma experiência, inevitavelmente, as vivenciaremos nessas quatro direções.

Vieira, Santos e Ferreira Neto (2012) corroboram com tal informação ao afirmar que quando narramos o mundo cotidiano criado na experiência e recriado em nossa memória, acabamos por fazer com que a história rompa com a linearidade do espaço e tempo, entrelaçando passado, presente e futuro. Sendo assim, a narrativa otimiza as situações vividas, não as deixando esquecidas na memória, mas sim compreendendo-as e analisando-as. Ao utilizarmos este recurso, não estamos deixando esquecidos no passado e nas memórias uma experiência, mas sim, estamos estudando como a situação transcorreu e o porquê disso, relacionando com a importância da influência do ambiente, a fim de extrair um resultado dela.

Devido tais características e o fato da narrativa permitir uma análise bio- psico - social de determinada situação vivida, que o uso de autorrelatos deve ser uma

linha a ser utilizada na produção de trabalhos e pesquisas. As narrativas para formação de professores

procedimento metodológico que ora exploramos e procuramos aprender- representam, portanto, uma possibilidade dessa perspectiva de produzir outro tipo de conhecimento, mais próximo das realidades educativas e do cotidiano desses (as) professores (as) (WITTIZORECKI *et al.*, 2006, p.10).

Levando em vista tais considerações, o presente trabalho foi realizado na forma de autonarrativa, relatando as experiências obtidas pelo aluno no decorrer da prática do estágio e o impacto que as mesmas tiveram na sua formação. O autorrelato propicia uma relação “[...] entre as dimensões prática e teórica, as quais são expressas através da meta-reflexão do ato de narrar-se, dizer-se de si para si mesmo como uma evocação dos conhecimentos das experiências construídos pelos sujeitos” (SOUZA, 2006, p.140).

Ao refletir sobre a própria prática, o sujeito acaba contribuindo para sua formação uma vez que “as lembranças pessoais e práticas dos professores, assim como seus comentários, estão diretamente vinculados com seu trabalho e prática diária” (GOODSON, 2003, p. 739). Além disso, ao repensar sua prática de estágio, o indivíduo é capaz de perceber as diferenças existentes ao início e no fim do mesmo, sendo que o próprio pensar sobre o fato é um processo de aprendizagem e crescimento. Para melhor entendimento, Josso (2004) afirma que quando realizamos o exercício de reflexão sobre as vivências, as mesmas ganham status de experiência, uma que vez que a narrativa reorganiza e dá sentido singular para a experiência. Os relatos e as histórias de vida são situações que se interligam a um contexto histórico, relatando, portanto, a própria cultura a qual vivemos (JOSSO, 2004).

Ao realizarmos pesquisa no formato de autonarrativa, estamos propiciando a nós mesmos compreender o que vivemos, possibilitando-nos inferir, de forma mais clara e objetiva, o real contexto e atitudes, conseguindo extrair reflexões e proporcionando respostas sobre nossas experiências. O estudo autorreferente favorece o aluno em formação inicial a construir alicerces primordiais para sua formação em professor de Educação Física. Contudo, ao basearmos-nos nesse tipo de estudo, não é apenas o pesquisador do mesmo o único beneficiário; seu uso

incita, “de alguma forma, tanto a quem narra quanto a aquele que escuta e lê, a refletir e compreender alguns aspectos de docência, da vida pessoal e suas inter-relações, que até o momento não eram percebidos.” (SILVA, DIEHL E MOLINA NETO, 2010, p.9).

A construção narrativa para a formação do futuro professor de Educação Física é válida e necessária uma vez que situa o aluno dentro da realidade na qual está inserido, entendendo a si mesmo na sociedade e a cultura desse local. A investigação dos sentimentos, memórias e experiências pessoais do indivíduo, construindo uma narrativa, segundo Wittizorecki *et al.* (2006) pode ser um instrumento que melhor viabiliza coleta de informações, na perspectiva de mostrar ao investigador situações, explicações e ações.

Produzir narrativas de nossas experiências nos faz viver um processo profundamente pedagógico no qual a nossa condição existencial é o ponto de partida para a construção do nosso desempenho presente e futuro. É através do exercício da narrativa que podemos identificar organizar e nomear os significados que atribuímos a inúmeros fatos que vivemos [...] para qualificar nossas reflexões [...] resignificar o vivido [...] nos situamos no centro da cena. (MOLINA NETO; MOLINA, 2005, p.35)

Ao realizar esse trabalho com um panorama de autonarrativa, pretende-se com que o futuro profissional consiga revisar as experiências vividas em seu estágio formativo. Essa remodelação de pensamento deve garantir a autoanálise sobre as ações, posições e pensamentos ocorridos em detrimento de determinadas situações. A autorreflexão garante a otimização das ocasiões já que, ao refletir sobre o que aconteceu, o aluno garante um aprimoramento das ações futuras a partir do que houve no passado, repensando sua formação docente.

A potencialidade do trabalho com narrativas reside, dentre outros fatores, em viabilizar práticas de formação docente em que, ao colocarmos o professor como narrador, desencadeamos ações de investigação-formação por um processo autoformativo, possibilitando ao docente registrar suas múltiplas formas de fazer com a escola e, assim, reconhecer sua autoria. (VIEIRA, SANTOS E NETO, 2012, p.136)

O uso de autonarrativas no desenvolvimento de projetos de formação inicial de professores de Educação Física é válido uma vez que, “[...] vislumbrando a

formação e o trabalho de professores (as) de Educação Física nas escolas, entendemos que o exercício de narrar-se é uma alternativa interessante de devolver ao professor (a) o protagonismo de sua trajetória” (WITTIZORECKI *et al.*, 2006, p.28).

Dessa forma, esse trabalho de conclusão de curso, apresenta-se na forma de autonarrativa. Sendo assim, se busca garantir o conhecimento do caminho percorrido na caminhada da formação docente, analisando além das experiências vividas, mas sim buscando compreender a forma como essas transcorreram, o porquê de cada reação e o reflexo das mesmas nas ações. Ao lançarmos mão da narrativa de nossa experiência, pretendemos- aperfeiçoar o conhecimento e torná-lo mais efetivo em uma situação futura, a partir de situações passadas, já vividas.

### 3. REVISÃO DE LITERATURA

O sistema de ensino no Brasil, ao longo dos anos, foi transformando-se com mesma rapidez que a revolução tecnológica. Com o acesso fácil e rápido às informações, tornou-se iminente a necessidade da formação de um professor versátil e global que se adequasse a esta realidade. Em relação ao professor de Educação Física (EFI), tal situação não é diferente; para tanto, é de extrema importância que entendamos como foram ocorrendo as mudanças na formação desse preceptor até os dias de hoje, e como a formação inicial e o estágio supervisionado são relevantes para a constituição do mesmo. Por isso apresento a seguir os seguintes títulos e subtítulos.

O estágio supervisionado na formação do professor de educação física: um estudo autorreferente de um estudante da ESEF da UFRGS no ano de 2012.

#### 3.1 FORMAÇÃO DE PROFESSORES

A formação que o estudante recebe na universidade – somada às experiências de cada indivíduo – pode ser um dos fatores determinantes para direcionar sua atuação profissional. Se o currículo dessa formação estiver organizado de forma categórica e burocrática, centrada apenas no teórico e sem contato com a sua realidade social, o futuro profissional encontrar-se-á distante da realidade da sua comunidade e do mercado de trabalho.

Contudo, se sua formação englobar, além do conteúdo programático padrão, a vivência *in loco*, poderemos obter como resultado um professor capaz de associar prática e teoria em benefício da sociedade, dos alunos e de sua própria profissão. Sendo assim, esse trabalho tem como objetivo demonstrar a importância do Estágio Supervisionado em Educação Física, as diferenças de realidade percebidas dentro da universidade e depois, no cotidiano escolar, além da sua influência na atuação profissional. Esse trabalho de conclusão pretende mostrar o quão crucial é o Estágio Supervisionado para a formação de um profissional crítico e consistente, capaz de

construir uma prática pedagógica que promova a transformação e emancipação dos estudantes de Educação Básica das escolas Brasileiras.

Historicamente, a formação dos educadores no Brasil baseou-se sob uma ótica mais técnica, em que o educador deveria focar apenas em transmitir o conteúdo para o qual estava apto, delimitando-se a determinado campo disciplinar. Segundo Borges *apud* Gariglio (2010) a profissão docente no Brasil sofreu e sofre uma forte orientação disciplinar, tornando-se constituinte dos saberes profissionais, particularmente na identificação com a matéria, na mirada sobre o ensino, na forma como se definem como professores de uma disciplina. O professor, ainda segundo Borges, é formado para dedicar-se a sua área específica, não ultrapassando os limites de sua zona de conhecimento. E esse é o impasse da formação dos educadores; temos uma formação que promove especificidades, o que restringe muito a capacidade de formar professores autônomos.

A dinâmica do tempo, as mudanças ocorridas na sociedade – que se tornou cada vez mais democrática e com voz ativa -, os avanços na tecnologia e comunicação acabaram gerando alterações também no sistema educacional. Com a mudança da visão sobre o modelo pedagógico das escolas, evidenciou-se a estreita relação entre a organização da sociedade com os objetivos da educação. Se antes o alicerce do sistema eram paradigmas que delimitavam o educador, tornava-se necessário a presença de um professor global, com uma formação ampla.

A educação tomou uma concepção emancipadora e a formação do educador, conseqüentemente, sofreu transformações, a fim de acompanhá-las.

O caráter sócio-histórico dessa formação, a necessidade de um profissional de caráter amplo, com pleno domínio e compreensão da realidade de seu tempo, com desenvolvimento da consciência crítica que lhe permita interferir e transformar as condições da escola, da educação e da sociedade. (FREITAS, 2002, p.139)

Sendo assim, o professor é qualificado para atuar na sua área, mas é também responsável pela formação de cidadãos críticos, indagadores e transformadores. Também é necessário que a ele seja oferecido “[...] significações, instrumentos cognitivos de apreensão da realidade, de orientação de condutas, pontos de

referência relativos à estruturação do seu comportamento no ambiente de ensino.” (PERRENOUD, 2000; TARDIF, 2002 *apud* GARIGLIO, 2010, p.13).

A mudança dos preceitos da educação foram definidos e regularizados pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), criada em 1961 e com promulgação mais recente em 1996 (LDB 9394/96), dita as diretrizes e as bases da organização do sistema educacional brasileiro. A LDB estabelece que o sistema nacional de educação tenha como um de seus fins a consolidação da cidadania, possibilitando aos alunos momentos de reflexão, que propiciem a formação de cidadãos que pensem criticamente a realidade social a qual estão inseridos, gerando cidadãos ativos em sua sociedade.

A própria Lei de Diretrizes e Bases também sanciona sobre a participação das três esferas de governo, “[...] em regime de colaboração, deverão promover a formação inicial, a continuada e a capacitação dos profissionais de magistério” (art 62º, I, LDB 9394/96). O estágio, por sua vez, segundo a LDB, ganha status de parte integrante da formação curricular do aluno.

Assim sendo, a LDB veio por mudar os paradigmas da educação, tornando-a mais condizente com a realidade da população brasileira. Segundo Carvalho (1998) esta lei oferece aos governantes as ferramentas necessárias para a execução de políticas educacionais. A formação do professor é algo que ultrapassa o aprendizado adquirido dentro da universidade, desta maneira aprender este ofício é algo constante no seu cotidiano. E assim, diariamente, o profissional firma-se professor, fazendo o “*link*” entre teoria e prática.

A seguir apresento a seção sobre a formação inicial em educação física.

### 3.2 FORMAÇÃO INICIAL EM EFI

A partir da lei de 1987, o currículo de graduação em Educação Física, assumiu uma nova configuração, dividindo-se em licenciatura e bacharelado. Com a promulgação do parecer Conselho Federal de Educação (CFE) n. 215/87 e da resolução CFE n. 03/87, a carga horária do curso teve aumento significativo, além

de ganhar autonomia e flexibilidade, direcionando o aluno para o seu foco no mercado de trabalho - escolar ou não escolar -, durante a graduação.

Contudo, esse novo projeto de lei suscitou em vários questionamentos e dúvidas quanto sua real funcionalidade. A dicotomia existente entre a licenciatura e bacharelado, levantam discussões sobre a real finalidade de cada um, sobre o que deve ser salientado, se o mercado de trabalho ou a educação física como método científico. Em meio a esse debate e aos inúmeros pontos que ainda estão em aberto sobre o papel da licenciatura e do bacharelado, fecha-se como ponto em comum com: a preocupação com a sociedade na qual o profissional está inserido. O profissional deve estar comprometido com a prestação de serviços e atento às mudanças ocorridas em sua comunidade.

E são tais mudanças ocorridas na sociedade – que ocorreram em virtude das alterações de paradigmas pré-existentes - que foram peças chave na transformação do papel do professor na vida escolar. O educador é sujeito ativo, não apenas na transmissão do conteúdo, mas também como formador de cidadãos críticos e atuantes em sua comunidade. Tal mudança de papel também foi percebida nas ações do professor de Educação Física.

Caldeira (2001) questiona quais são as habilidades necessárias para o professor de Educação Física – e para todo professor - para a construção de um trabalho adequado. E, como resposta para tais perguntas, encontra “intencionalidade do trabalho docente; a articulação teórico-prática no processo de formação; o trabalho coletivo na escola; o reconhecimento do caráter subjetivo e social no trabalho docente” (CALDEIRA, 2001, p.90) como habilidades necessárias para realização da prática profissional.

Ainda segundo Caldeira (2001), o processo de formação deve ser considerado sempre inacabado, em constante movimento de reconversão e, a escola, reconhecida como um espaço privilegiado de formação profissional.

Sendo assim, para o professor tornar-se apto para sua atuação pedagógica, é necessário que sua formação esteja compatível com esta nova realidade de educação. Para tanto, a formação inicial deve ser reflexiva, possibilitando já na graduação um contato prático com a realidade.

Diante desta situação de formação do profissional, o curso de Educação Física possui um entrave específico, uma vez que muitos estudantes que ingressam na graduação veem uma intensa relação entre educação física e esporte/ saúde. Contudo, hoje em dia, além da aptidão física, a “Educação Física pode ser compreendida como área que tematiza/aborda as atividades corporais em suas dimensões culturais, sociais e biológicas” (FIGUEIREDO, 2004, p.90).

Em virtude disso, faz-se necessário questionarmos o tipo de profissional que as universidades irão formar; tal profissional estará apto para trabalhar em espaços não escolares ou será capaz de atuar em espaços escolares? Torna-se, então, necessário a “reflexão sobre o papel da formação inicial e do currículo em um curso de graduação em Educação Física.” (FIGUEIREDO, 2004, p.90).

Vários pesquisadores têm apresentado relatórios com diagnósticos para poder apresentar a complexa realidade da formação de professores. Um dos primeiros pensamentos a respeito da formação docente reporta-se sobre a extrema importância da reflexão do professor, em que ele “reconstrói sua prática levando em consideração os acontecimentos do cotidiano escolar [...] assim a capacidade de transformação [...] está diretamente relacionado com suas experiências”. (SCHON *apud* CONCEIÇÃO; KRUG 2009, p.238).

Complementando tal linha de pensamento, Ghedin *apud* Conceição e Krug (2009) faz um contraponto, a essa prática reflexiva, ressaltando a necessidade de a mesma estar associada à ausência do isolamento do professor no seu local de trabalho. Destaca-se também, a necessidade de “[...] parte da epistemologia da prática docente à da prática da epistemologia crítica” (GHEDIN *apud* CONCEIÇÃO; KRUG, 2009, p.238).

É possível perceber que tais relatórios enaltecem a necessidade de uma formação inicial que permita uma nova epistemologia para a realização da prática docente.

A formação inicial em Educação Física precisa ter uma organização curricular que permita a apropriação os conhecimentos necessários por meio do conhecimento – na ação proposto por Schon (2000) e da investigação – ação (ELLIOTT, 1994,1998), que levam o professor ao autoconhecimento. (BARBOSA-RINALDI 2008, p.201).

Compreende-se, portanto, que o conhecimento instrumental não deve ser priorizado - apesar da sua importância – mas deve, sim, estar articulado com o que ocorre na realidade do docente. As características dos procedimentos, técnicas e métodos apropriados serão determinadas pela natureza do cotidiano do professor.

A formação inicial em Educação Física passa por entraves específicos. Primeiramente, é necessário entender que a profissão de educador físico ultrapassa limites e não está direcionada especificamente apenas para o esporte, saúde e área biológicas. A Educação Física, atualmente, tem extrema importância na área social e escolar, sendo também uma área de atuação do profissional.

Entretanto, a formação inicial do professor também possui questões particulares, sobre qual tipo de orientação seguir. As discussões e questionamentos concluíram que a formação do professor deve ser o mais ampla possível e apta de integrá-lo na realidade de seu cotidiano.

A formação do professor de Educação Física [...] com vista a formar profissionais que sejam capazes de compreender a complexidades das realidades sociais nas quais estamos envolvidos e contribuir para sua transformação, para que os mesmos sejam produtores, transformadores, co-criadores e não reprodutores de saberes. (BARBOSA-RINALDI, 2008, p.192)

### 3.3 ESTÁGIO SUPERVISIONADO

O estágio é o período formativo da graduação que propicia ao aluno associar o seu conhecimento teórico adquirido no decorrer do curso e associá-lo à prática do seu cotidiano de trabalho. Pode ser definido, também, como uma atividade teórica de conhecimento onde ocorre intervenção na realidade. O estágio “[...] estabelece uma interlocução entre formação acadêmica e o mundo profissional por meio de uma (re) aproximação contínua da academia científica com a realidade social.” (NASCIMENTO, RAMOS E AROEIRA, 2011, p.3).

Segundo a lei nº 11788, do ano de 2008, o “[...] estágio é ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o

ensino regular em instituições de educação superior [...]” (art 1º). Além disso, “[...] visa ao aprendizado de competências próprias da atividade profissional e à contextualização curricular, objetivando o desenvolvimento do educando para a vida cidadã e para o trabalho.” (art 1º, II, LEI 11788/08).

Para composição da grade curricular, o estágio deve ser planejado e executado em conformidade com os calendários escolares. Deve, também, proporcionar, ao futuro profissional, que entre em contato com o mercado de trabalho, permitindo ao estudante presenciar situações de vida real do seu meio, treinando seus saberes e mostrando suas habilidades.

Estágios curriculares devem pautar-se “[...] como instrumento de integração entre teoria veiculada no curso de Graduação e os conhecimentos advindos da observação e participação em situações reais de trabalho.” (SILVA, 2003, p.39).

Para os futuros professores, o estágio curricular supervisionado também corrobora com a formação profissional. É o estágio que torna favorável o envolvimento com a realidade escolar e seu contexto, permitindo a aplicação e reflexão dos conhecimentos adquiridos. A formação docente é potencializada com a prática do estágio, uma vez que é possível, ainda na graduação, o estudante articular toda sua teoria aprendida com a prática do cotidiano.

A experiência do estagiário mantém-se como fonte do conhecimento para *aprender a ensinar*, preparando os jovens professores no início de profissão e constitui o processo mais rico de socialização profissional, sendo também percebido como tal pela maioria dos professores (SANCHEZ & JACINTO *apud* JANUARIO, ANACLETO & SANTOS, 2009, p.2).

A disciplina de estágio deve ser vista como uma disciplina integradora, que dê condições de ser efetuada uma correta prática pedagógica, possibilitando ao graduando a realização de uma ação dinâmica, capaz de integrar seus saberes e realizar uma transformação na realidade escolar.

Vale ressaltar que o estágio é o cume da graduação para a realização de atividades práticas; contudo, não pode restringir-se somente a isso. O estágio deve “[...] favorecer um intercâmbio das práticas e teorias que se entrecruzam e se

complementam, numa perspectiva de melhorar a prática dos alunos-estagiários.” (PIMENTA *apud* LUNGE; SCHNEIDER, 2009, p.7).

O estágio deve pautar-se pela investigação da realidade, por uma prática intencional, de modo que as ações sejam marcadas por processos reflexivos entre os professores-formadores e, principalmente, com os futuros professores ao examinarem, questionarem e avaliarem criticamente o seu fazer, o seu pensar e a sua prática. (BARREIRO; GEBRAN *apud* NASCIMENTO, RAMOS E AOREIRA, 2011, p.3).

Portanto, o aluno deve também realizar uma reflexão sobre o estágio, suas ações e seu ambiente de trabalho a fim de investigar o que acontece nesse local. Assim, será possível não apenas fazer uma auto-avaliação sobre sua forma de trabalho, mas também levantará os aspectos positivos e negativos da realidade em que se trabalha, contribuindo para uma melhora deste meio, uma vez que a profissão de educador é uma prática social.

### 3.4 ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Conforme foi destacado no presente trabalho, a disciplina de estágio é um momento crucial na graduação; é nesse momento em que é colocado em xeque o conhecimento teórico adquirido no decorrer do curso, devendo, para tanto, o aluno ser capaz de mostrar suas habilidades de associar e adequar teoria e prática. Além disso, é o estágio que permitirá o futuro profissional entrar em contato com a realidade da sociedade que encontrará ao egresso da graduação.

Visando propiciar tal conhecimento ao aluno - além da obrigatoriedade legal da disciplina - a Escola de Educação Física (ESEF) da Universidade do Rio Grande do Sul (UFRGS), tem como disciplinas pré-requisito para aquisição do diploma em Licenciatura em Educação Física, a disciplina de “Estágio de Docência em Ensino Infantil”, “Estágio de Docência em Ensino Fundamental” e “Estágio de Docência em Ensino Médio”.

As súmulas das disciplinas, cada qual direcionada para o Ensino Infantil, para o Ensino Fundamental ou para o Ensino Médio, informa que estas oferecem “atividades junto à rede escolar no Ensino [...], possibilitando efetiva experiência de planejamento do ensino, bem como a docência com alunos.” (Em: <http://www.esef.ufrgs.br>. Acesso em 20 de agosto de 2012.).

A própria Lei de Diretrizes e Bases configura a Educação Física como item constituinte da Educação Básica; um item que deve ser capaz de propiciar ao estudante conhecer e compreender o corpo, desenvolvendo e expressando, a partir dele, vivências culturais e atividades físicas, além de promover qualidade de vida, aprendendo a considerar seus próprios limites e possibilidades. Dentro da escola, a disciplina de Educação Física deve possibilitar “[...] parte do conhecimento historicamente produzido, deve reunir o que for de mais significativo ligado aos conceitos de movimento e corporeidade, ginástica, jogo, dança e esporte” (Manual de Organização da Prática Escolar na Educação Básica do Estado de Santa Catarina *apud* LUNGE; SCHNEIDER, 2009, p.2).

Sendo assim, é de competência do estagiário fazer cumprir esse papel essencial da Educação Física na Educação Básica, associando tal dever estabelecido pela LDB ao seu aprendizado e metas a serem alcançadas no decorrer de seu Estágio Supervisionado. Para garantir a eficiência de seu trabalho junto à Educação Básica e, cumprir um dos objetivos da disciplina de Estágio Supervisionado proposto por pela instituição de ensino da qual faz parte o aluno que realiza esse estudo, é primordial que todas as atividades ocorram com planejamento.

Além da inexperiência, é fator complicador para o estagiário o fato de estar entrando em contato com atividade humana, o que torna as reações para uma atividade exposta imprevisível e inexata.

[...] vantagens do planejamento: redução da incerteza e da ansiedade (para os inexperientes apenas); visualização prévia do cenário de ensino, simulação e redução de erros; previsão de fatores contingentes; intencionalidade do professor; comunicação e trabalho de equipe entre professores; gestão participada dos alunos; e promoção da eficácia pedagógica (JANUÁRIO *apud* JANUÁRIO, ANACLETO E SANTOS, 2009, p.2).

Ao realizar atividades planejadas, o futuro profissional organiza-se a partir de princípios e metas previamente definidas, com atividades programadas, otimizando as mesmas, realizando uma intervenção pedagógica sólida, o que, segundo Januário, Anacleto e Santos (2009), possibilita ganho de experiência e ensaio de soluções de ensino. O planejamento é essencial para o Estágio em Educação Física ser positivo tanto para o aluno da graduação quanto o da Educação Básica. Um estágio realizado de forma planejada e bem executada credenciará o graduando para a certeza de uma boa base na fase inicial da profissão e propiciará aos seus alunos um contato com aulas de Educação Física integral e de qualidade.

#### 4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS INFORMAÇÕES COLETADAS

Quando eu era estudante da escola regular e ainda estava no processo de alfabetização, tinha grande apreço pela educação física. No Ensino Fundamental, por exemplo, lembro-me que ficava feliz quando era o dia da aula dessa disciplina, e ficava ansioso, contando os minutos, para bater o sinal e correr para a porta esperar o professor. Recordo-me da postura do meu professor, a maneira com que ele conseguia a atenção da turma - o que outros professores não conseguiam - e que me fazia admirá-lo. Gostava também da maneira como ele se vestia, diferente dos outros professores, sempre de roupas esportivas e com um apito no pescoço. Isto tudo despertava meu interesse e minha curiosidade. As aulas dele eram excelentes, com muitas brincadeiras e bem diversificadas. Recordo-me de pensar, em algumas de suas aulas: *“Que legal isso que ele está fazendo, quero fazer também!”*.

A partir deste fragmento de uma das tantas – e boas - recordações da época escolar, em especial das minhas aulas de educação física e da figura do meu professor de educação física da Educação Básica, cheguei à conclusão de que as experiências vividas naquela época foram fatores determinantes para a escolha do meu curso de graduação.

Em acordo com isso, Souza (2004) diz que a escrita narrativa da trajetória de escolarização permite ao sujeito compreender de diversas maneiras seu processo formativo e os conhecimentos que as experiências de vida trazem consigo, porque ele vai sendo moldado consigo próprio, com outras pessoas e com o meio social e natural das interações humanas. A organização e a construção da narrativa de si colocam o sujeito em contato com experiências de formação, as quais são perspectivas daquilo que cada um viveu e vive das simbolizações e subjetivações criadas ao longo da vida (SOUZA, 2007). Ainda neste sentido Bueno (2002) diz que

[...] é preciso pensar a formação do professor como um processo, cujo início se situa muito antes do ingresso nos cursos de habilitação – ou seja, desde os primórdios de sua escolarização e até mesmo antes – e que depois destes tem prosseguimento durante todo o percurso profissional do docente. (BUENO, 2002, p.22)

Ao final do meu curso de graduação, mais especificamente no final do estágio obrigatório do Ensino Médio, rememoro fatos ocorridos ao longo de todos os meus estágios obrigatórios – Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio - que julgo terem sido fundamentais para a minha formação como professor de Educação Física.

No curso de Licenciatura em Educação Física da UFRGS, quando inicia a matrícula para o aluno realizar a disciplina de Estágio Supervisionado, independentemente do nível de ensino em que o aluno terá de se matricular, diversas instituições de ensino são oferecidas como opções de escolha para realização da disciplina. O aluno deve escolher, dentre essas, uma instituição para realizar esta atividade.

Ao chegar o meu momento de cursar o estágio supervisionado referente ao Ensino Médio, optei por me matricular no Colégio Estadual Julio de Castilhos. Utilizei como critério de escolha por essa instituição o local, visto que as outras escolas ou ficavam em locais muito distantes, para a minha realidade, ou coincidiam com o horário do meu estágio não obrigatório. Fiquei muito tranquilo quanto a minha escolha, inclusive feliz, uma vez que o Júlio de Castilhos – “Julinho” - é uma escola tradicional de Porto Alegre. Em nenhum momento antes da minha matrícula, pensei em escolher uma ou outra escola pelo critério de facilidade/ dificuldade relatado por colegas de faculdade, apesar de ouvir relatos como “*lá os alunos não são fáceis*” ou “*lidar com as regras da escola lá é complicado*”; em nenhum momento, este tipo de comentário por parte dos colegas me intimidou.

Neste sentido, realizarei minha autonarrativa relacionando os estágios realizados na Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio a fim de analisar as individualidades pertinentes a cada local de estágio e a faixa etária trabalhada, além de acompanhar minha evolução quanto a conhecimento e manejo de situações. Sobretudo, destaco o objetivo deste estudo que é compreender como me tornei professor, de modo a cotejar as experiências de formação com o resgate das vivências do percurso de estudante (JOSSO, 2004) de educação física.

O meu primeiro estágio supervisionado - no Ensino Infantil -, optei por realizar na creche Francesca Zaccaro Faraco, creche para filhos dos professores e servidores da UFRGS. Minha escolha por esta instituição foi influenciada pelo fato

da mesma estar localizada em um local mais acessível para mim e devido a uma prévia conversa que tive com o colega João que havia feito seu estágio lá. Perguntei a ele como era a creche e ele me relatou: *“Lucas, a creche é muito legal, lá tem diversos materiais para trabalhar com as crianças, é tudo bem organizado, as professoras são muito legais e a professora Marcela está sempre presente observando nossas aulas.”* (registro em diário de campo, janeiro de 2011).

Apesar de já estar em um momento adiantado do curso, o meu embasamento, até esta etapa, era notadamente teórico, com nenhuma experiência na prática. Cunha (2010) corrobora com essa afirmação quando diz que na formação inicial os alunos têm conhecimento sobre a matéria que irão ensinar, entretanto falta-lhes articulação dos conteúdos principalmente diante do campo complexo e exigente. Sentia-me aflito com a ideia de realizar estágio com crianças, pois, pelo fato de não ter experiência, não me sentia confiante e preparado para a prática do mesmo. Inevitavelmente, algumas perguntas surgiram, dentre as quais: *será que os alunos vão me obedecer? Que atividades posso fazer com eles? E se o meu plano de aula não funcionar?* Através do relato do meu colega João, fiquei menos inquieto, pois ele me passou uma sensação de segurança em relação ao estágio que eu iria fazer.

Entendo que esta prática de comunicação entre os estudantes da ESEF da UFRGS é merecedora de análise, pois também auxilia na definição das escolas pelos futuros estagiários. Assim como funcionou comigo, no contato com meu colega João, percebo em meu circular na ESEF que estas informações que circulam “pelos corredores” tem se constituído em significativo auxílio na medida que acessamos as representações que colegas fazem sobre os diferentes contextos escolares disponíveis para realização dos estágios. Contudo, entendo, também, que há representações que necessitam de maior atenção por parte de quem ouve, ou, acessa, pois ela pode estar falando da singularidade de quem esteve em determinados contextos. De todas as formas, são informações que têm circulado e configurado o início do estágio supervisionado na ESEF da UFRGS.

Ao iniciar os meus estágios, independente do nível de ensino em questão, sempre antes de iniciar as atividades de campo, tive reuniões com os professores

regentes das disciplinas, onde eles explicavam como procederia o estágio, que turmas daríamos aula, as características da instituição e o perfil dos alunos.

Todos os meus estágios foram feitos em duplas e tínhamos que fazer um plano de trabalho, sustentado por um referencial teórico, o qual iríamos trabalhar ao longo do estágio com os alunos. Ainda antes de iniciarmos as atividades de campo, éramos liberados para ir conhecer a escola, observar a rotina dos alunos, interagirmos com eles, com os funcionários e com os professores da instituição. As reuniões com os professores regentes foram de suma importância para mim, pois me norteavam, para que não “caísse de paraquedas” na escola, sem conhecê-la, sem conhecer os alunos e sem saber o que trabalhar com os mesmos.

Segundo Arruda, Paula e Fratti (2009) no estágio supervisionado deve-se estabelecer um momento de organização planejamento e intervenção pedagógica, sustentado por uma produção teórica contemporânea sobre o planejar e intervir, relacionadas ao levantamento de dados realizados pela análise da conjuntura escolar. Para esses autores, isso permitirá a identificação de temas problematizadores que darão norte aos conteúdos para a intervenção dos acadêmicos em formação, bem como as estratégias de ensino a serem alavancadas. Para que isso ocorra, é fundamental a presença de um bom orientador pois, eles

são [...] formadores profissionais [...] devendo, portanto, ser justos, inspiradores de confiança, honestos, compreensivos, exigentes, disponíveis, competentes [...] assumindo as responsabilidades de conduzir e induzir ao exame reflexivo dos atos pedagógicos e das relações estabelecidas. (ALBUQUERQUE, LIRA e RESENDE, 2012 p.148)

Preparar-se - conhecer o local de estágio, para assim poder organizar uma adequada forma de intervenção na escola - é um fator essencial para um bom desenvolvimento de estágio. Tudo isso será feito a partir de um caminho que será trilhado com a ajuda do professor orientador, que conduzirá o aluno a identificar a realidade do seu local de estágio, a fim de compreender a problemática e a dinâmica da escola em que esse ocorrerá. Contudo, apesar de toda a preparação e organização, é inevitável não surgir um sentimento de expectativa e anseio, por parte do futuro profissional da educação física, com relação à nova realidade que o

aguarda. É inerente ao aluno, nesse momento, a ansiedade com relação ao novo e desconhecido, o que pode ser explicado por Albuquerque, Lira e Resende (2012) afirmando que o estudante estagiário apresenta alto grau ansiedade devido a uma antecipação de problemas que poderão surgir.

No primeiro contato que tive com o Colégio Estadual Julio de Castilhos no início de realização do estágio supervisionado da educação física no Ensino Médio, vivi um dia de inúmeras expectativas. Estava alegre por conhecer a escola que eu iria dar aula, ansioso por ser o último estágio curricular da minha graduação e, ainda, por não saber o que esperar do colégio quanto à infraestrutura, corpo docente e alunos. Por tratar-se de uma escola da Rede Estadual, tinha um conceito prévio de que o espaço físico para se trabalhar pudesse ser bastante precário, com espaços escassos, poucos materiais e que os mesmos já estariam, em sua maioria, depredados.

Com isso, pensava que provavelmente poderia ser difícil colocar em prática algumas unidades didáticas que pensava, em função de minha convivência em estágios anteriores, possíveis de serem desenvolvidas. Contudo, destaco que talvez esta passagem possa tratar mais dos saberes acumulados em meu percurso de formação inicial e dos preconceitos que elaboramos sobre ensino, educação física e escola pública e, que nem sempre se concretizam no contexto real das escolas. Passo a descrever meu primeiro contato com a Escola Júlio de Castilhos.

*No meu primeiro contato com o “Julinho”, cheguei na escola às 13h e 20 min. Entrei na escola e fiquei esperando a professora no hall de entrada; nesse momento já pude perceber a grande dimensão da escola. Nesse local, já estavam alguns dos meus outros colegas estagiários esperando também. Em seguida, a professora Daniela – orientadora do meu estágio no Ensino Médio - chegou e conversou conosco, perguntou se todos estávamos com a carta de apresentação da escola e, em seguida, nos conduziu para o serviço de orientação (SOE) para entregarmos tal carta para a profissional responsável por fazer nosso registro e nos apresentar a escola. A professora Daniela nos deu as devidas orientações e foi para a outra escola, na qual também coordena a disciplina de estágio. Um por um, eu e meus colegas fomos fazendo o nosso registro; a professora responsável para realizá-lo*

demorava bastante para fazê-lo, visto que ia fazendo e conversando ao mesmo tempo.

*Passamos uma parte da tarde com a professora na sala, confeccionado nossa folha ponto, a qual ela terminou de realizar às 15h e 20min. Assim que ela terminou, conduziu-nos até o professor titular da turma específica a qual cada um daria aula, no meu caso, o professor Bruno, responsável pela turma 11A e 11B feminina. Eu e minha colega -minha dupla no estágio- nos apresentamos para ele, que foi bastante solícito conosco e nos mostrou a estrutura da escola a qual poderíamos utilizar. O professor iniciou nos mostrando o ginásio da escola, local onde tive uma grata surpresa, “nossa”, pensei, pois encontrei uma estrutura enorme, com condições perfeitas para realização das aulas. Em seguida, ele nos mostrou a sala onde estavam os materiais os quais poderíamos utilizar ; mais uma vez, fiquei admirado com a quantidade e variedade de materiais, na sua grande maioria, em perfeitas condições de uso.*

*Depois disso, ele nos apresentou uma quadra externa, a qual não estava em perfeito estado, porém com condições de uso adequadas. Ao lado desta quadra havia um campo de futebol, um pouco descuidado, pois a grama estava um pouco alta, porém, também passível de ser utilizado. Ao final, o professor nos falou, ainda, que existiam salas com espelho, bem amplas, as quais poderíamos utilizar em dias de chuva. Além disso, o professor nos informou sobre a existência de um auditório e de uma pequena sala de musculação que estava interditada, pois estava com alguns aparelhos estragados. Falou que poderíamos ficar a vontade para desenvolvermos as atividades que desejássemos com a sua turma e falou rapidamente sobre a logística de divisão do ginásio quanto aos dias, onde cada semana um professor poderia utilizar. (registro em diário de campo, setembro de 2012).*

A estrutura física do “Julinho” me deixou realmente surpreso, uma vez que a escola na qual realizei meu estágio supervisionado no ensino fundamental (Escola Estadual Rio Branco), apesar de ser uma escola com grande estrutura física e com bastantes espaços para se realizar as aulas de educação física, apresentava esses espaços com qualidade inferior. Também não havia ginásio ou salas rítmicas, além de possuir uma menor quantidade de materiais e os mesmos apresentarem-se em piores condições. Tais aspectos me fazem refletir sobre a importância do espaço

físico no planejamento e execução de planos de aula, e como o mesmo pode minimizar ou potencializar o desenvolvimento do trabalho do professor.

Para Albuquerque, Lira e Resende (2012) a preocupação do estagiário em relação à escola está relacionada às condições materiais, influenciando o mesmo positivamente quando as condições são boas para o desenvolvimento de suas atividades ou negativamente quando as condições são adversas. Molina Neto (2003) afirma que

[...] escolas públicas e o professorado agonizam à espera de políticas públicas que, sobretudo, lhes garantam condições dignas de vida material, circunstâncias favoráveis para executar bem o seu trabalho e cumprir com altivez seu papel social, e o acesso da população à educação de qualidade. (MOLINA NETO, 2003, p.152)

Ainda para este autor, condições de precariedade de materiais para as aulas de educação física influenciam fortemente para que se firme a crença, no pensamento do professor, do baixo valor docente em seu ofício (MOLINA NETO, 2003).

Outro fator influenciador para um andamento adequado das aulas de educação física, além da infraestrutura física da escola, é o binômio professor x aluno. Um bom relacionamento entre tais personagens é primordial para as aulas ocorrerem não apenas da forma planejada, mas também para que as mesmas sejam otimizadas e aproveitadas, tanto por alunos e professores, da melhor forma possível. A minha relação com as alunas da escola Julio de Castilhos, desde o primeiro momento, foi muito boa. Em nenhum momento tive problemas relacionados à falta de respeito ou brigas tanto entre alunas, quanto delas comigo. Consegui desenvolver meu plano de trabalho nesta turma com êxito. O grupo era bem participativo e aceitava bem as propostas que eu e minha dupla de estágio propúnhamos para elas, situação essa, diferente do que ocorreu, em alguns momentos, nos meus estágios passados.

Acredito que a maior facilidade de trabalho e manejo com as alunas do ensino médio se deve a uma maior maturidade das alunas em relação aos alunos dos estágios anteriores, justamente pela faixa etária em que se encontram. Outro fator crucial nesse melhor relacionamento deve-se também pelo fato de eu estar

mais experiente, possuir uma bagagem maior, uma melhor capacidade de abordagem com os alunos sobre suas vontades e expectativas, além de estar mais “cascudo”, sabendo administrar com as diversas situações que poderiam acontecer na dinâmica da aula.

No meu estágio realizado no Ensino Fundamental, assim como no estágio do ensino infantil, ocorreram situações em que os alunos demonstraram falta de respeito, contestaram as atividades propostas e testaram minha autoridade. No meu primeiro estágio (no ensino infantil), onde era responsável por uma turma de jardim, minhas primeiras aulas foram um pouco frustrantes e impactantes. Impacto esse que o professor iniciante sofre quando defronta com a prática docente, na escola, pela primeira vez (CUNHA, 2010). Lembro-me que já na minha primeira aula, duas alunas, que eram irmãs, me testaram:

*“A gente não gosta de ti, tu é chato!”. Fiquei perplexo com a atitude das meninas, o que teria acontecido? O que eu fiz para elas não gostarem de mim? Afinal, era a primeira aula que eu estava ministrando para esta turma. Questionei-as perguntando o motivo, elas ficaram quietas. Falei para elas que eu era legal e estava ali para fazer atividades legais, para brincar com elas. Não tive sucesso. No decorrer da aula, todos alunos estavam participando, quando olho para o canto da sala e lá estavam as duas irmãs sentadas; então me direcionei até elas, tentei convencê-las a participar, mais umas vez não fui feliz, fiquei aflito com a situação, não sabia o que fazer com as meninas, então decidi avançar e retomar depois. Ao final da aula, conversei calmamente com elas, expliquei que eu seria o professor delas por alguns meses e que eu queria apenas o bem delas, mas que elas teriam de cooperar comigo para que a aula fosse divertida para mim, para elas, e para os outros alunos. Conclui dizendo que na próxima aula elas teriam de participar, fiz algumas combinações, e elas, então, concordaram.*

*Depois de encerrada a minha aula, ainda intrigado com a situação ocorrida, conversei com a professora Marcela, minha orientadora, que observou tudo de fora. Ela me falou que isso era normal, que tal situação acontecia frequentemente com outros estagiários. Tranquilizou-me, disse que eu ainda era um “estranho” para aquela turma, que aos poucos eu iria conquistando a confiança deles e me deu orientações sobre como agir perante tais situações, suscitando, em mim, reflexões a*

*respeito do ocorrido.* (registro em diário de campo, abril de 2011). No decorrer do Estágio Supervisionado, os estagiários trazem reflexões, anseios e questionamentos acerca de suas dificuldades sobre a organização e a prática pedagógica (LINHARES; SANTOS, 2009).

Situações conflituosas, semelhante a esta que relatei, vivenciei, em alguns momentos, no meu estágio do ensino fundamental, onde trabalhei com uma turma do 5º ano. Os alunos da Escola Estadual Rio Branco, eram bastante agitados e tinham algumas atitudes agressivas, tanto verbais quanto físicas; em praticamente todas as aulas era evidenciado algum tipo de conflito.

*Em uma tarde quente do mês de setembro, estava com minha turma de estudantes numa quadra pequena de esportes, localizada no pátio da escola. Os alunos estavam dispersos e eu já me encontrava excedendo a voz para conseguir a atenção deles. Quando consegui a atenção de parte da turma, percebi que havia dois meninos discutindo; enquanto eles discutiam percebi que outros alunos estavam quietos só observando a discussão. Pedi então para que eles parassem e prestassem atenção na aula; contudo, eles não me deram ouvidos e continuaram a discussão. Alterei o meu tom de voz e fui mais enfático, solicitando que eles cessassem tal briga e voltassem sua atenção para aula, o que foi obedecido por eles. Dando continuidade na aula, percebi que os dois alunos que outrora estavam discutindo iniciaram um empurra-empurra. Tentei mediar a situação antes que ela tomasse maiores proporções, quando um dos meninos disse “não enche o saco sô”. Eu, já estava nervoso por não estar conseguindo a atenção da turma, gritei: “repete o que tu disse!”. Todos os alunos ficaram calados e olharam para mim espantados e boquiabertos com a minha atitude. O aluno baixou a cabeça como se não esperasse por essa reação e repetiu o que havia dito. Mandei-o então imediatamente para a direção e prossegui a aula.* (registro em diário de campo, outubro de 2011).

Posteriormente, refletindo sobre a direção que decidi tomar perante tal situação, reconheci que a minha atitude foi um pouco drástica, com uma proporção exacerbada em relação ao que ela de fato significou. Acabei percebendo que poderia ter agido de outra maneira, menos abrupta e agressiva, se tivesse intervido de forma mais enfática desde a primeira chamada de atenção, mediando através do

diálogo, não deixando tal situação se prolongar tanto. Conclui também que provavelmente agi desse modo como uma estratégia dos alunos me admitirem como professor, para mostrar minha hierarquia e o respeito que eles deveriam ter sobre minha figura de professor. Corroborando com isso, Souza (2007) diz que o ato de lembrar e narrar permite ao ator recriar experiências, pensar sobre instrumentos de formação e compreender a sua própria prática. Ainda este autor, diz que:

A pesquisa narrativa de formação também funciona como colaborativa, na medida em que aquele(a) que narra e reflete sobre sua trajetória abre possibilidades de teorização de sua própria experiência e amplia sua formação através da investigação-formação de si. (SOUZA, 2007, p.21)

Ainda nesse sentido, intervir, refletir, avaliar e intervir novamente é uma prática dinâmica. Neste processo a teoria e a prática são tensionadas, sendo o estagiário aquele que busca progredir (ARRUDA, PAULA E FRATTI, 2009).

Destaco que outra situação inerente ao profissional da educação na relação entre os alunos é o *bullying*, uma vez que o diagnóstico e o gerenciamento desse é realizado, também, pelo professor. *Certa vez, logo no início do meu estágio no ensino fundamental, em uma das primeiras aulas, estava com os alunos no pátio da escola fazendo uma atividade de integração, quando então propus uma atividade em que os alunos deveriam dar as mãos. Enquanto eles se organizavam para esta atividade, percebi que ninguém queria dar mão para um aluno, e esse tentava incessantemente encontrar alguém que lhe desse a mão. Quando ele se aproximava de alguém, ouvia frases do tipo, “não quero dar a mão pra ti”, “vai pra lá”, “sai daqui”. Encontrei-me confuso sobre como agir diante de tal situação, quando resolvi, então, participar também da atividade, dei a mão para este aluno quando outro disparou: “Que nojo sô!”. Eu então perguntei o porquê dessa fala, e ele me respondeu, disse que era pelo fato de eu estar dando a mão para este menino. Falei para ele dar a mão para o menino também, do outro lado (pois tínhamos que fechar um círculo de testa), ele se negou. Falei então em um tom de voz alto para que toda a turma pudesse ouvir: “Pessoal, por favor, ninguém aqui mais é criança, vamos cooperar senão não vai dar para fazer a atividade! Quero um voluntário aqui para fechar a roda”. O aluno então que antes havia se negado, segurou na mão do colega. (registro em diário de campo, setembro de 2011).*

Creio que em hipótese alguma o professor deve ficar alheio às situações de *bullying* que venham a ocorrer em suas aulas. A maneira que agi perante a situação que narrei, teve resultado naquele momento. Contudo, após reflexões, acredito que apesar de situações desse gênero ser difíceis de administrar e exigirem que o professor seja cauteloso na forma de abordagem, ações a médio e longo prazo devem ser realizadas. O professor tem obrigação de contatar outros professores, pais e SOE a fim de diagnosticar o motivo do problema e encontrar formas de como resolvê-lo.

Além disso, durante as aulas, penso que podemos estimular a integração e respeito entre os alunos, enaltecendo a amizade e a consideração com os outros e não fomentando ações de preconceito, além de brigas ou discussões por motivos torpes e fúteis. De acordo com isso, Arruda, Paula e Fratti (2009) dizem que a teoria e a ação no campo acabam por confrontar a formação inicial com tudo que envolve a realidade do cotidiano; como os estudantes, a carreira docente e o gerenciamento de uma escola concreta e dinâmica, exigindo dos professores em formação, questionamentos e soluções para problemas do cotidiano escolar.

A falta de respeito entre os alunos e deles com relação a mim e minha colega (dupla neste estágio) era frequente. Eles não nos viam como uma autoridade a ser respeitada, pois para eles era claro que nós éramos estagiários (estudantes) e a única pessoa que eles viam como autoridade era sua professora de classe. Tal professora frisava sempre que nós éramos estudantes estagiários da UFRGS, o que acabava reforçando a atitude de desacato dos alunos. Comumente ouvíamos frases do tipo: “*tu não manda em mim*”, “*tu não é minha/meu mãe/pai*”, “*tomara que tu rode no teu estágio*”, “*tu é muito chato/a*”, “*to nem aí pra ti*” ou “*que aula frau (chata)*”.

Inicialmente tive bastante dificuldade de trabalhar com esta turma, uma vez que a primeira coisa que eles perguntavam quando me viam era: “*professor, hoje vai ter futebol?*”. E toda vez que eu dizia “*não*”, eles desferiam frases fortes e ofensivas. Tive que ser paciente para desconstruir a ideia fixa desses alunos de que a Educação Física era meramente “futebol”. Aos poucos, através de aulas dinâmicas, bem planejadas e que contemplassem o diálogo e as combinações, percebi que eles foram começando a me reconhecer como professor e me respeitar mais. Neste sentido, o início da carreira profissional do professor é decisivo para o mesmo

adquirir um sentimento de competência e estabelecer hábitos do ofício, ou seja, na estruturação da prática (TARDIF, 2000).

Neste estágio de ensino fundamental, a presença constante do professor orientador, mais uma vez, foi fundamental para o meu aprendizado. Estava sempre presente no momento das aulas, auxiliando nas decisões a serem tomadas e orientando-me para encontrar um caminho para as mais diversas questões. Contudo, em nenhum momento meu orientador me deu a resposta para minhas dúvidas; ele sempre suscitou que eu fosse extremamente autônomo nas minhas atitudes, pois ele dizia que eu a deveria encontrar saídas para as dificuldades.

Penso que estas situações de tensão, como as por mim narradas, foram muito importantes para o meu aprendizado uma vez que, ao longo da minha carreira profissional será inevitável não me deparar com situações deste gênero. Ao considerar que as vivências que tive durante a formação inicial podem ser internalizadas e reproduzidas posteriormente no seu futuro local de trabalho através da prática pedagógica, é primordial que nos cursos de graduação a realização de reflexões e discussões frequentes acerca dos conteúdos que norteiam a preparação para a docência (MENDES, NASCIMENTO E MENDES, 2007).

Para Caetano e Silva (2009), situações de tensão, são entendidas:

[...] num conceito amplo que agrega as dificuldades, problemas, dilemas subjetivamente colocados pelos sujeitos em situações profissionais, constituindo assim experiências subjectivas de conflito, discrepância, questionamento e incerteza, que empurram as pessoas para direcções opostas, tendo uma dimensão pessoal e emocional associada de inquietação, impaciência ou mesmo ansiedade, e que resultam num processo de decisão mais ou menos reflexivo que põe em confronto diversas perspectivas, sentimentos, acções, interacções e suas consequências bem como elementos de ordem contextual. (CAETANO; SILVA, 2009, p.56)

Sendo assim, a tensão pode gerar movimentos criativos que podem ser aproveitados como oportunidades de reflexão e de mudança no contexto de formação, compreendida assim numa maneira positiva (CAETANO; SILVA, 2009).

Aprendi também, com as minhas experiências de campo, que para o professor ser respeitado deve em primeiro lugar respeitar os alunos. Construir sua

autoridade conquistando os alunos através de aulas elaboradas, conhecimento dos assuntos abordados em aula, determinando regras, sendo afetivo e solidário, ético e também rígido em alguns momentos, contudo no instante certo. Meu aprendizado concorda com os estudos de Amado *et al.* (2009) onde afirmam que

Uma síntese das representações do aluno em torno da manutenção da ordem e do controle das suas condutas, e que o aluno associa ao “bom” ensino, contempla aspectos como: criar um clima de respeito, estabelecer regras e fazê-las cumprir, repreender com razão, repreender serenamente, castigar justamente, monitorizar as tarefas. (AMADO *et al.*, 2009, p.82)

Ainda para estes autores, analisar a relação do professor com o aluno, implica identificar como os alunos percebem o respeito do professor, como ele se preocupa com aprendizagem de cada aluno, não excluindo nenhum e nem criando favoritos, cuidando, se preocupando e valorizando a liberdade dos mesmos (AMADO *et al.*, 2009).

Como em toda e qualquer situação que envolve o convívio entre pessoas, não somente situações de tensão ou dificuldade vivi em meus estágios. Em muitos momentos, ao longo desse meu percurso, vivenciei momentos em que houve o reconhecimento dos alunos pela minha atuação, independente do nível de ensino. No ensino infantil, lembro-me de diversas situações em que os alunos demonstraram, de acordo com sua idade e desenvolvimento cognitivo, obviamente, tal agradecimento.

Por exemplo, destaco os inúmeros abraços os quais recebi, ou então quando sentava em círculo com eles, no final da aula, para conversar, meu colo era disputado pelos alunos. No ensino fundamental, algumas vezes, quando eu encerrava a aula, os alunos queriam continuar fazendo a atividade, pediam “*só mais um minutinho*”. Esse simples pedido mostrava-me que as atividades que propunha estavam interessantes e de acordo com as expectativas e anseios deles para com as aulas de educação física.

No ensino médio, por sua vez, as alunas que não vinham com a vestimenta adequada para a prática esportiva e tinham que ficar assistindo a aula, fazendo relatório, em diversos momentos, vinham pedir “*professor, por favor, me deixa*

*participar da tua aula*". Esses poucos fatos que explanei, exemplificam as inúmeras situações que me geraram um sentimento de reconhecimento tanto pelas minhas aulas, quanto pela minha figura de professor. Nesse momento, é inevitável não sentir um incentivo de continuar dando aulas; as respostas dos alunos atuam como um reforço positivo, estimulando-me a me aperfeiçoar e prosseguir na carreira de professor de educação física.

Uma circunstância que destaco, ocorrida no ensino infantil, foi com uma aluna da turma de jardim que meu colega de estágio dava aula; nessas situações, apenas assistia à aula por ele ministrada, não tendo nenhum contato mais direto com as crianças. Para elas, era esclarecido que éramos professores, mas apenas espectadores de suas aulas. *Meu colega de estágio em ensino infantil estava dando aula essa turma de jardim, os alunos estavam correndo pela sala fazendo uma atividade, quando, então, que uma menina veio até a minha frente e ficou me olhando com um sorriso no rosto. Perguntei a ela se estava tudo bem, ela balançou a cabeça dizendo que sim, logo disse para ela voltar para a aula e fazer suas atividades, momento em que ela moveu a cabeça dizendo que não. Eu disse: "volta para a aula se não vou te fazer 'coceguinha'", brincando com ela. Ela mais uma vez moveu a cabeça dizendo que não, sempre com o sorriso estampado em seu rosto. Então, me aproximei dela e comecei a fazer cócegas, ela começou a rir. Quando parei, ela voltou correndo para a aula e começou a participar novamente. Participando da aula, ela sempre passava próxima a mim e ficava me olhando e rindo; em certo momento, eu estava em pé ao fundo da sala e ela se aproximou de mim, passou a mão em minha barriga e disse: "Lucas tu é meu!", e voltou correndo para a aula. (registro em diário de campo, maio de 2011).*

Em um primeiro momento, achei engraçada esta situação, afinal, tinha tido um contato mínimo com a menina para ela desenvolver tal afeto. Comecei a refletir sobre esse momento e se houve alguma outra circunstância similar a esta. Lembrei-me, então, que quando estava ministrando aulas para a minha turma e a respectiva garota passava pelo corredor, ela sempre acenava e sorria para mim; além disso, depois do dia em que ocorreu o referido episódio, ela questionou minha professora orientadora de estágio infantil se eu, futuramente, seria seu professor.

Se, primeiramente, minha reação perante o fato ocorrido foi de surpresa e achar engraçado, após reflexões sobre o assunto e situações ocorridas previamente e após ele, conclui que a menina identificou-se comigo. Pela minha aparência ou pelo meu modo de ser, agir, falar e pensar, de alguma forma, tal garota associou minha figura a uma pessoa por ela querida.

Desenvolver um adequado planejamento é primordial para manter um bom relacionamento com os alunos e ganhar seu carinho e afeto. Ao desenvolvermos uma aula estruturada e organizada, teremos o maior controle possível de uma turma, uma vez que teremos uma ideia prévia do que ocorrerá na aula, considerando sempre a dinâmica do processo. Uma aula bem elaborada propiciará ao professor um maior controle da turma, mostrará sua autoridade perante aos alunos, possibilitando aos alunos adquirirem confiança e familiaridade com seu professor.

O plano de trabalho é um dos guias que norteia o trabalho do professor; nele estarão descritos os conteúdos que serão trabalhados ao longo de um determinado período. Para trabalhar com alunos de diferentes faixas etárias, como o jardim no ensino infantil, o 5º ano no ensino fundamental e com o 1º no ensino médio, tive primeiramente que aprender a montar planos de trabalho que se adequassem ao nível de ensino, com atividades condizentes com o nível de desenvolvimento cognitivo dos alunos, sempre sustentado por um bom referencial teórico.

Nesse sentido, foi primordial a disciplina de Introdução à Prática e Estágio: metodologia do ensino da EFI. Foi nessa disciplina do currículo onde aprendi a montar planos de trabalho, unidades didáticas e planos de aula. Ainda nessa, aprendi que meus planos devem ter como base os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e o Referencial Curricular, no meu caso, o do Estado do Rio Grande do Sul (RS). Esse aprendizado foi de suma importância, pois sei que estas ferramentas serão muito utilizadas ao longo da minha carreira profissional, uma vez que vou me deparar com diferentes níveis de ensino para aplicar minhas aulas.

Sendo assim, é indispensável que os conhecimentos que o futuro professor receba, em sua formação, sejam contextualizados, para que suas ações tenham significados com referência, tendo validade para análise de situações reais (MELLO, 2000). Ao encontro disso, Tardif (2000) diz que o professor se apoia em

conhecimentos advindos da sua formação, tanto em conhecimentos didáticos e pedagógicos quanto em conhecimentos veiculados pelos programas, guias e manuais escolares.

Da mesma maneira, aprender a montar planos de aula, outro guia do professor, onde estarão descritas as atividades planejadas, o objetivo que se pretende alcançar com elas e os materiais que serão utilizados em cada aula. É importante ressaltar que, deve-se sempre planejar, concomitantemente ao plano de aula, um plano de aula “B”, visto que ao trabalharmos com pessoas, estamos envolvidos em um processo dinâmico de aprendizado. O professor de educação física, mais do que outros professores, tem a necessidade de desenvolver uma segunda opção, pois depende muitas vezes, das condições climáticas, por exemplo, para conseguir colocar em prática o seu plano. Sendo assim, montar um segundo plano faz parte integrante e fundamental da confecção do plano de aula.

Além de ministrar aulas, durante o período em que realizei meus estágios supervisionados, tive a oportunidade de observar as aulas dos meus colegas, também estagiários, que lecionavam aulas para outras turmas em horários diferentes do meu. Exercício esse, que todos os professores regentes do estágio, independente do nível de ensino, me recomendavam fazer. Essas observações me ajudaram muito, pois ao realizar as observações, aprendi muitas coisas. Assim como aconteciam coisas semelhantes às minhas aulas, também aconteciam coisas muito diferentes e, em cima disso, eu aprendia vendo os colegas agirem perante tais acontecimentos. Realizava reflexões sobre como eu atuaria perante os mesmos e qual a melhor forma de interceder, preparando-me assim para possíveis situações similares. Corroborando com isso, Borges e Desbiens (2005) afirmam que ao refletirmos sobre situações imediatas daqueles que estão inseridos na prática podemos reinterpretar problemas que identificamos assim como soluções.

Os momentos observacionais quanto os momentos em que tive que atuar de forma prática foram alicerces na minha construção como professor de educação física. Se ao lecionar aula, tinha que me preparar, conhecer a turma e planejar as atividades, ao assistir as aulas dos colegas de estágio, conseguia ver situações e comportamentos diferentes aos que corriqueiramente aconteciam comigo. Um bom planejamento para a confecção de aulas e um bom conhecimento das relações

interpessoais, ao serem efetuadas da melhor maneira possível, de forma organizada e com segurança, dão também uma maior confiança para o professor. Outro aspecto importante a ser compreendido pelo professor é como são dadas as relações dentro do seu ambiente de trabalho, e como o mesmo estrutura-se.

No decorrer dos meus Estágios de Docência, pude conhecer um pouco melhor a cultura, a organização, as peculiaridades e as relações estabelecidas dentro dos ambientes escolares em que estagiei. Isso foi bem interessante e importante para mim, visto que o meu futuro local de trabalho terá, de uma forma ou de outra, características semelhantes a essas por mim vivenciadas.

Em todos os estágios que realizei, tive extrema autonomia para planejar e realizar as atividades de aula da forma que acreditasse ser a mais adequada. Contudo, as orientações recebidas sobre como agir, caso houvesse alguma situação de necessidade de intervenção do serviço de orientação educacional (SOE), por exemplo, foi um pouco diferente de um local de estágio para outro. Na escola em que realizei estágio de ensino médio, minha comunicação não ocorria diretamente com a direção da escola, mas sim com o professor de Educação Física titular da minha turma, responsável capaz por resolver questões mais graves, que necessitassem maior ponderação.

No meu estágio em ensino fundamental, tal situação se deu de forma diferente; antes de iniciar o período letivo como os alunos, eu e meus colegas tivemos uma reunião com a diretora da escola e com o professor orientador do estágio, onde ficou esclarecido que deveríamos ser extremamente autônomos, tanto em relação com a elaboração e execução das nossas aulas, quanto em ações em conjunto com a coordenação pedagógica, caso fosse necessário.

O mesmo ocorreu no meu estágio no ensino infantil, onde ficou estabelecido que eu e os demais estagiários teríamos autonomia para gerenciar os mais diversos acontecimentos de nossas aulas, e, caso julgássemos necessário, aconteceria intervenções em conjunto com a equipe pedagógica. Todavia, tanto no ensino infantil, quanto no fundamental, recebi a orientação dos meus professores de estágio que deveríamos trabalhar em conjunto com os setores pedagógicos somente em último caso.

Considero que essas experiências - onde pude ter autonomia total em meus estágios, trabalhando conjuntamente com os setores pedagógicos - foram fundamentais para a minha formação como professor. Nessas situações pude aprender não só como são estabelecidas as relações entre professor e aluno, mas também essas com o meio em que o professor está inserido, de maneira integral, vivenciando a escola de maneira absoluta. O que concorda com os pensamentos de Marcelo (2009) quando diz que o desenvolvimento profissional do docente deve se contextualizar na escola – seu local de trabalho - o que contribui para o desenvolvimento de suas competências profissionais através de experiências de diferente índole, tanto formais quanto informais.

Outro fato relevante de salientar foram as diferentes formas, composições, tratamentos, organizações e importâncias que a Educação Física recebeu dentro dos diferentes espaços, fatos esses por mim percebidos. Faço uma explanação, agora, de algumas singularidades da disciplina, Educação Física, dentro de cada ambiente escolar.

Uma característica peculiar do meu estágio em ensino médio foi que as aulas de educação física eram no turno inverso às demais disciplinas, ou seja, os alunos tinham aula de todas as outras disciplinas pela manhã e a educação física era no turno da tarde. O fato de ser no turno oposto às demais matérias curriculares, gerou em mim um sentimento de indignação; senti que havia um descaso com a disciplina de Educação Física, sendo ela colocada como uma disciplina secundária do currículo. Justamente por ser em turno contrário, facilmente os alunos dessa escola conseguiam dispensa das aulas mediante atestado de estágio, de curso, de renda, de saúde ou até mesmo com o pedido dos responsáveis pelo adolescente.

Sendo assim, a minha turma que deveria ter cerca de vinte e cinco alunos, tinha uma média de dez alunos por aula. Além disso, no “*Julinho*” as aulas de educação física eram separadas por sexo, onde meninas faziam aula com um professor e os meninos com outro. Isso me fez pensar: “*Se as nossas inter-relações sociais não são separadas por sexo, por que a educação física deve ser? Não estaríamos reforçando o preconceito de alguma maneira?*”. (registro em diário de campo, novembro de 2012).

Nos meu estágio em ensino fundamental, onde dava aula para o 5º ano, na Escola Estadual Rio Branco, a Educação Física, assim como as demais disciplinas, era ministrada por uma professora uni docente. Essa é a forma como estruturam-se as escolas de Ensino Fundamental na Rede Estadual de Ensino do RS; tal estruturação pedagógica deixou-me insatisfeito, visto que esta professora não tinha capacitação específica para conduzir as aulas dessa disciplina. Talvez, por este motivo, senti que nesta escola, havia certa indiferença como a Educação Física.

Em um tarde de novembro, um fato potencializou este meu sentimento: *eu estava dando aula para a minha turma, em uma tarde ensolarada, utilizando a área central da escola - eu e meus colegas de estágio tínhamos que fazer rodízio dos espaços e, nesse dia, eu poderia utilizar este espaço. Essa área fica localizada ao lado do prédio onde ficam as salas de aula. Eu estava trabalhando com eles os fundamentos do voleibol, a aula fluía muito bem, os alunos estavam empolgados e participativos. Mais próximo ao final da aula, estava fazendo um jogo de voleibol adaptado, os alunos estavam alegres e vibravam bastante quando realizavam um ponto. Ao encerrarmos a aula, uma funcionária da orientação pedagógica veio conversar conosco (eu e minha colega de estágio) e disse que uma professora estava se sentindo atrapalhada para dar sua aula devido ao “barulho” que a nossa turma estava fazendo, e solicitando para que, da próxima vez, realizássemos menos “algazarra”. Nesse momento, fiquei sem reação, uma vez que acredito que a educação física é, além de uma disciplina com conteúdos e objetivos pedagógicos, por ter caráter mais dinâmico e envolver movimentação corporal, um momento de descontração para os alunos. Seria possível conduzir uma aula de educação física em silêncio? Achei o comentário da professora, de extrema insensibilidade e intransigência.* (registro de diário de campo em novembro de 2011).

No estágio que fiz no ensino infantil na creche Francesca Zaccaro Faraco conhecida como “creche da UFRGS”, diferentemente do sentimento que tive em relação aos outros estágios, sentia que Educação Física era bastante valorizada. Desde o maternal, os alunos já desfrutavam desta disciplina, sendo essa a única a qual não era ministrada pela professora uni docente. Os alunos da minha turma de jardim, por exemplo, tinham aula com uma professora formada em Educação Física, o que me deixou feliz e de mesma maneira surpreso, pois essa não parece ser uma realidade das creches em geral. Percebi, logo, que para a cultura dessa instituição a

Educação Física era muito importante, tendo um papel fundamental, na educação dos alunos.

Todos os aspectos que salientei até o momento foram de importância ímpar para a minha construção como professor de educação física; tais fatores extrínsecos foram capazes de suscitar reflexões e mudanças, ajudando na edificação da minha graduação. Contudo, outro fator indispensável na disciplina de estágio, foi a presença do professor orientador. Não importando o nível de ensino, nem a forma como esse professor se fez presente, a orientação dos mesmos foi fator norteador para a minha caminhada em busca da formação em Educação Física; a partir deste contato com os professores orientadores, começo a notar como foi se dando, também, a minha evolução do primeiro até o último estágio.

A presença do professor orientador nos meus estágios foi sempre de grande valia para mim, pois foram eles que me orientaram a agir como professor diante das mais diversas situações. No estágio que fiz no ensino infantil, tive a presença constante da professora orientadora no meu período de estágio. Ela observava as minhas aulas, e tínhamos, com ela, reuniões semanais para discutirmos sobre os fatos que aconteciam, o comportamento dos alunos e a postura por nós assumida. Acredito que a presença constante da orientadora, principalmente neste meu primeiro contato com a realidade escolar, foi de extrema importância uma vez que, por se tratar do primeiro estágio da minha grade curricular, eu ainda era inexperiente, tudo que acontecia durante a dinâmica da aula era novo para mim, além da ansiedade ser um fator importante a ser administrado.

No estágio em ensino fundamental, da mesma maneira, o professor orientador esteve sempre presente. Contudo, ele observava apenas algumas das minhas aulas, pois tinha que assistir também às aulas dos outros estagiários, que ocorriam no mesmo horário que o meu. Além disso, tínhamos reuniões quinzenais e não semanais como no primeiro estágio.

Apesar de a orientação ser um pouco mais distante nesse segundo estágio, a mesma foi de extrema validade, não pecando em nenhum aspecto; o professor supriu todas as minhas necessidades, estando sempre presente para eu tirar as dúvidas que viesse a ter. Isto, acredito que se deve ao fato de eu, no segundo

estágio, estar mais preparado e experiente do que no primeiro, possuindo uma bagagem, não estando mais tão “cru”.

Por fim, no meu último Estágio Supervisionado de Docência, agora no ensino médio, a professora orientadora esteve bem menos presente na sua observação, estando em apenas uma semana a cada quinze dias. Vale esclarecer que isso se deve ao fato de ela ter de orientar, junto com o meu estágio, outros dois em escolas diferentes; sendo assim, ela ficava uma semana em cada escola, e quando nos encontrávamos, ela observava nossa aula e fazíamos reuniões para discutir sobre tudo que envolvia o nosso estágio.

Senti a importância da presença da professora no estágio do ensino médio, pois quando ela estava presente, alimentava em mim reflexões sobre coisas que ocorriam em minhas aulas que provavelmente passariam despercebidas. Por outro lado, é importante destacar que sua presença, apesar de extrema importância, não se fez mais necessária de forma integral, tão próxima à nossa rotina, pelo fato de eu já possuir uma bagagem maior dos outros estágios, já estar mais experiente e maduro para administrar qualquer situação que viesse a ocorrer em minhas aulas. Sendo assim, de acordo com Marcelo (2009)

A identidade profissional é a forma como os professores se definem a si mesmos e aos outros. É uma construção do seu *eu* profissional, que evolui ao longo da sua carreira docente e que pode ser influenciada pela escola, pelas reformas e contextos políticos, que “integra o compromisso pessoal, a disponibilidade para aprender a ensinar, as crenças, os valores, o conhecimento sobre as matérias que ensinam e como as ensinam, as experiências passadas, assim como a própria vulnerabilidade profissional”. (MARCELO, 2009, p.11)

Os estágios supervisionados proporcionaram uma grande evolução na minha atuação como professor. Por meio das minhas reflexões, tornou-se perceptível o meu crescimento na prática como educador. O estágio proporcionou-me obter - além de conhecimento e experiência - desenvoltura para adaptar-me as mais diversas situações que possuímos ao trabalhar com pessoas. Se, outrora, a faixa etária dos alunos e as condições de infraestrutura da escola, por exemplo, tornavam-se obstáculos quase intransponíveis, após essa minha experiência, tais situações não mais são assustadoras, mas sim atuam como incentivo para buscar novas alternativas, dando mais ímpeto para prática pedagógica. Não é possível uma

formação inicial adequada sem a prática do estágio, uma vez que o mesmo é o cume da escalada para a construção do futuro professor.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho de conclusão de curso teve como objetivo avaliar o significado do estágio supervisionado na formação do professor de educação física. A prática do estágio supervisionado encontra-se sancionada por lei federal, e está presente na grade curricular dos cursos de graduação. Por meio de um estudo transversal qualitativo, o presente trabalho busca observar o estágio além de sua obrigatoriedade curricular e de carga horária, lançando mão de uma metodologia de autonarrativa, para ver o estágio a partir da óptica de um aluno concluinte do curso de graduação da Faculdade de Educação Física da UFRGS (ESEF- UFRGS).

A escolha por estudos na forma de autobiografia tem sido crescente nos últimos tempos, apesar de sua utilização ainda ser tímida. Ao seguir a linha de um estudo autorreferente, esse trabalho buscava ver o estágio supervisionado sobre outro ângulo, que não o da formalidade de currículo, mas sim sobre uma visão de dentro do mesmo, em que fosse possível ver a estrutura, a organização, os acertos e equívocos, além das lacunas existentes nessa prática educativa.

Também se buscou demonstrar a própria disciplina a partir da ótica do aluno e, por meio dessa metodologia, procurou-se propiciar reflexões no mesmo, sobre suas ações na prática educacional. Com isso, objetivava-se que o futuro professor de educação física conseguisse entender causas e consequências das suas atitudes, com intuito de compreender passado e presente para poder planejar condutas futuras.

A formação do professor de educação física deve ser capaz de construir não apenas um profissional com capacidade teórica/prática dentro de seu conteúdo específico, mas também, um profissional que entenda sua posição dentro da sociedade e sua importância na formação de futuros cidadãos, que devem ser incentivados a se tornarem críticos e ativos dentro de sua realidade social. O estágio supervisionado é o primeiro contato do aluno de graduação, sobre a figura de professor, em que ocorre essa possibilidade de, além de transmitir conteúdo, ser passível de formar sujeitos transformadores da sua comunidade.

Dentro dos estágios que realizei, tive contato com diferentes faixas etárias, instituições de ensino, profissionais e colegas envolvidos. Essa pluralidade me permitiu experimentar um pouco do futuro profissional que terei ao término da faculdade. Tamaña diversidade me proporcionou explorar habilidades já adquiridas, desenvolver novas, buscar meios de ação diferenciados com finalidade de desenvolver um trabalho dinâmico, eficiente e atrativo.

O percurso percorrido teve seus momentos sinuosos e de dificuldade, uma vez que ao trabalharmos com pessoas encontramos diferentes formações, idéias e pensamentos. Porém, é justamente nas dificuldades e diferenças em que tive que buscar novas alternativas para seguir o trabalho. O estágio não somente me propiciou experiência de trabalho, como também, me concedeu experiência de vida, de saber manejar diferentes situações, com diferentes pessoas, dentro de uma estrutura – nem sempre adequada- para desenvolver minhas atividades.

Tantas reflexões, observações e conclusões após meus estágios só foram possível graças ao meu estudo autorreferente. Se, inicialmente, devido ao fato de não ter tido contato com essa metodologia antes, senti dificuldade e estranhamento para realizá-lo, ao encerrar esse trabalho de conclusão de curso, vejo que se não fosse por essa metodologia, não seria possível ter questionado e repensando tanto os fatos do meu estágio como o fiz. Consequentemente, meu crescimento e amadurecimento, após esse estudo, são significativos na estruturação da minha formação.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Alberto; LIRA, João; RESENDE, Rui. Representações dos professores de Educação Física sobre o seu ano de prática de ensino supervisionada. In: NASCIMENTO, Juarez Vieira do; FARIAS, Gelcemar Oliveira. **Construção da identidade profissional em Educação Física: da formação a intervenção**. Florianópolis: Ed. da UDESC, 2012. p. 143-176.
- AMADO, João *et al.* O lugar da afectividade na Relação Pedagógica. Contributos para a Formação de Professores. **Sísifo / Revista de Ciências da Educação**, Lisboa, n.8, p.75-86, jan/abr. 2009.
- ARRUDA, Leomar Cardoso; PAULA, Maristela Vicente de; FRATTI, Rodrigo Graboski. Estágio supervisionado no curso de Educação Física CAC/UFG: um relato de experiência. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 16, 2009, Salvador.
- BARBOSA-RINALDI, Ieda Parra. Formação inicial em Educação Física: uma nova epistemologia da prática docente. **Movimento**, Porto Alegre, v. 14, n. 03, p. 185-207, setembro/dezembro de 2008.
- BORGES, Cecília; A formação dos docentes de Educação Física e seus saberes profissionais. In: BORGES, Cecília; DESBIENS, Jean-François. **Saber, formar e intervir para uma educação física em mudança**. Campinas: Autores Associados, 2005. p.157-190.
- BRASIL. Conselho Federal de Educação. Resolução n.º 3. 6 Jun. 1987. Fixa os mínimos de conteúdo e duração a serem observados nos cursos de graduação em Educação Física (Bacharelado e/ou Licenciatura Plena). **Diário Oficial**, n.172, Brasília, set. 1987.
- BRASIL. Conselho Federal de Educação. Parecer CNE/CES n.º 215, de 11 mar. 1987. Dispõe sobre a reestruturação dos cursos de graduação em Educação Física, sua nova caracterização, mínimos de duração e conteúdo. **Documenta**, n. 315, Brasília, mar. 1987.
- BUENO, Belmira Oliveira. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v.28, n.1, p. 11-30, jan./jun. 2002.
- CAETANO, Ana Paula; SILVA, Maria de Lurdes. Ética profissional e Formação de Professores. **Sísifo / Revista de Ciências da Educação**, Lisboa, n.8, p.49-60, jan/abr. 2009.
- CALDEIRA, Anna Maria Salgueiro. A formação de professores de Educação Física: quais saberes e quais habilidades?\*. **Rev. Bras. Cien. Esporte**, v. 22, n. 3, p. 87-103, maio de 2001.

CARVALHO, Djalma Pacheco de. A Nova Lei de Diretrizes e Bases e a Formação de Professores para a Educação Básica. **Ciência & Educação**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 81-90, 1998.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiência e história na pesquisa qualitativa**. Uberlândia: EDUFU, 2011.

CONCEIÇÃO, Victor Julierme Santos da; KRUG, Hugo Norberto. Formação inicial de professores de Educação Física frente à uma realidade de inclusão escolar. **Educação Especial**, Santa Maria, v. 22, n. 34, p. 237-250, maio/agosto de 2009.

CUNHA, Maria Isabel da. Lugares de formação: tensões entre a academia e o trabalho docente. In: DALBEN, Ângela *et al.* (org.) **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 129-149.

FIGUEIREDO, Zenólia Cristina. Formação docente em educação física: experiências sociais e relação com o saber. **Movimento**, Porto Alegre, v. 10, n.1, p. 89-11, jan./abr. 2004.

FREITAS, Helena Costa Lopes de. Formação de professores no Brasil: 10 anos de embate entre projetos de formação. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 23, n. 80, p. 136-167, setembro/2002.

GARIGLIO, José Ângelo. O papel da formação inicial no processo de constituição da identidade profissional de professores de Educação Física. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 32, n. 2-4, p. 11-28, dez. 2010.

GATTI, Bernardete A. Formação de professores no Brasil: características e problema. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1355-1379, out./dez. 2010.

GOODSON, Ivor F. Hacia un desarrollo de las historias personales y profesionales de los docentes. **Revista Mexicana de Investigación Educativa**. v. 8, n. 19, p. 733-758, set/dez 2003.

JANUÁRIO, Carlos Alberto Serrão dos Santos; ANACLETO, Francis Natally de Almeida; SANTOS, José Henrique dos. O processo de planejamento dos estagiários de educação física: o perfil decisional pré-interativo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 16, 2009, Salvador.

JOSSO, Marie. C. **Experiência de Vida e Formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

**LEI Nº 11.788**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/l11788.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11788.htm)>. Acesso em: 20 Jul. 2012.

**LEI Nº 9.394**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm)>. Acesso em: 22 Jul. 2012.

LINHARES, Renata; SANTOS, Rosirene Campelo dos. A formação de professores de educação física na educação infantil: a experiência do estágio curricular na

FEF/UFG. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 16, 2009, Salvador.

LUNGE, Anelise Ferreira Pieniz; SCHNEIDER, Ivana Lima Martins. Investigando a prática pedagógica escolar através do estágio supervisionado. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 16, 2009, Salvador.

MACÊDO; Ladyjane Mendes *et al.* Diferentes perspectivas para a estrutura e funcionamento do estágio supervisionado em educação física. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 16, 2009, Salvador.

MARCELO, Carlos. Desenvolvimento Profissional Docente: passado e futuro. **Sísifo / Revista de Ciências da Educação**, Lisboa, n.8, p.7-22, jan/abr. 2009.

MELLO, Guiomar Namó de. Formação Inicial de Professores para a Educação Básica: uma (re)visão radical. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v.14, n.1, p. 98-110, Jan/Mar. 2000.

MENDES, Evandra Hein; NASCIMENTO, Juarez Vieira do; MENDES, José Carlos. Metamorfoses na avaliação em Educação Física: da formação inicial à prática pedagógica escolar. **Movimento**, Porto Alegre, v.13, n. 02, p.55-76, Mai./Ago, 2007.

MOLINA NETO, Vicente. Crenças do professorado de Educação Física das escolas públicas de Porto Alegre – RS/Brasil. **Movimento**, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 145-169, janeiro/abril de 2003.

MOLINA NETO, Vicente; MOLINA, Rosane Maria Kreuzburg. A construção narrativa como instrumento metodológico de formação. In: SILVA, Ana Márcia; DAMIANI, Iara Regina. **Práticas Corporais**. Florianópolis: Nauembla Ciência & Arte, 2005. p. 35-59.

NASCIMENTO, Janaina Vargas; RAMOS, Tatiane Tavares; AROEIRA, Kalline Pereira. A formação do professor: contribuição do processo de estágio supervisionado em Educação Física. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 17, 2011, Porto Alegre.

PÉREZ-SAMANIEGO, Víctor M.; DEVÍS-DEVÍS, José; SMITH, Brett M; SPARKES, Andrew C . La investigación narrativa en la educación física y el deporte: qué es y para qué sirve. **Movimento**, Porto Alegre v. 17, n. 01, p. 11-38, janeiro/março de 2011.

SILVA, Sheila Aparecida Pereira dos Santos. Desenvolvimento do pensamento crítico-criativo e os estágios curriculares na área de Educação Física. **Ciência e Movimento**, Brasília v. 11, n. 03, p. 37-44, jul./set. 2003.

SILVA, Lisandra Oliveira e; DIEHL, Vera Regina Oliveira; MOLINA NETO, Vicente. Narrativa Escrita: Relacionando a produção de conhecimento e a formação docente. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PESQUISA (AUTO) BIOGRÁFICA, 4, 2010, São Paulo.

SOUZA, Elizeu Clementino de. O conhecimento de Si, as Narrativas de Formação e o Estágio: reflexões teórico-metodológicas sobre uma abordagem experiencial de

formação inicial de professores. In: ABRAHÃO, M. H. M. B. **A Aventura (auto) biográfica: teoria e empiria**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. Cap. 3.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Pesquisa narrativa e escrita (auto) biográfica: interfaces metodológicas e formativas. In: SOUZA, E. C. de; ABRAHÃO, M. H. M. B. **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. p.135-147.

SOUZA, Elizeu Clementino. História de vida e práticas de formação: escrita de si e cotidiano escolar. In: MEDEIROS, Leila Lopes de. **Histórias de vida e formação de professores**. Rio de Janeiro: SEED-MEC, 2007. p. 3-14.

TARDIF, Maurice. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n.13, p. 5-24 jan./fev./mar./abr. 2000.

VENTORIM, Silvana *et al.* Mapeamento da produção de conhecimentos sobre estágio supervisionado em educação física em periódicos: 1930-2000. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 16, 2009, Salvador.

VIEIRA, Aline Oliveira; SANTOS, Wagner Dos; FERREIRA NETO, Amarílio. Tempos de escola: narrativas da formação discente ao ofício docente. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 03, p. 119-139, jul/set de 2012.

WITTIZORECKI, Elisandro Schultz *et al.* Pesquisar exige interrogar-se: a narrativa como estratégia de pesquisa e de formação do(a) pesquisador(a). **Movimento**, Porto Alegre, v.12, n. 2, p. 9-33, maio/ago. 2006.